

BAPHO!:
AS DIFERENÇAS NA COBERTURA DA PARADA GAY DE 2011
REALIZADA PELO ESTADÃO E PELA FOLHA

Esp. Rafael Chaves Martins; Dra. Mariana Giacomini Botta (Orientadora)
Mestrando em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis/ Bolsista CAPES –
rafael.marves@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a cobertura jornalística realizada pelos O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo da edição de 2011 da Parada Gay, fazendo uma comparação entre ambas. O objetivo é verificar se é possível identificar uma tomada de posição ideológica da mídia, tendo em vista que nessa edição houve uma polêmica com a utilização de imagem de santos católicos em campanha pelo uso de preservativos. Trata-se de uma pesquisa teórica, ancorada em pressupostos da análise do discurso de linha francesa, que visa entender como uma ideologia é reproduzida/propagada. Os resultados preliminares apontam que há uma considerável diferença nas duas coberturas realizadas quanto ao enfoque à polêmica, embora ambos os jornais se aliem a uma ideologia conservadora em suas matérias, seja na escolha vocabular ou no destaque dado a falas preconceituosas.

Palavras-chave: Discurso Jornalístico, Parada Gay, Ideologia, Análise de Discurso, Jornalismo Impresso.

1 INTRODUÇÃO

Na cobertura de grandes eventos, a mídia impressa costuma noticiar apenas os fatos ocorridos, sem se preocupar muito em refletir sobre as demandas políticas e sociais reivindicadas ou a ideologia por trás do evento. Toda manifestação verbal está vinculada a uma ideologia, seja pelo entendimento do discurso como veículo de sua materialização ou por sermos seres ideológicos por natureza. Mesmo em um texto em que se preocupa apenas em relatar o evento, há marcas ideológicas.

O artigo se propõe a analisar a cobertura realizada da edição de 2011 da Parada Gay de São Paulo, com o objetivo de verificar se é possível identificar uma tomada de posição ideológica por parte da mídia. Foram selecionadas duas matérias, uma da Folha de S. Paulo e outra do Estado de S. Paulo.

A análise de discurso de linha francesa se ocupa de pesquisar os fenômenos de manifestação da ideologia no discurso. Por esse motivo, elegeu-se Charaudeau (2015), que analisa o discurso midiático sob a ótica da Semiologia. Também foi consultado Rajagopalan (2003), estudioso do discurso midiático. Além disso, foi adotado o conceito de ideologia de Bakhtin (2009).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Charaudeau (2015) analisa o discurso midiático, definindo-o como fenômeno de produção de sentido social. Para ele, a linguagem não é apenas o sistema de signos internos de uma língua, e sim um sistema de valores que orienta o uso de signos em circunstâncias de comunicação. Ou seja, essa linguagem, enquanto ato de discurso, indica a maneira como se organiza a circulação da fala em uma comunidade ao se produzir um sentido. “Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 33-34).

Quando se trata de informar, Charaudeau (2015) aponta para a importância das escolhas discursivas efetuadas pelo sujeito informador. O autor destaca os efeitos que as escolhas discursivas, ao tratar de determinada informação, parecem causar sobre o outro. Ao elaborar o seu discurso, o sujeito informador pensa em estratégias de como atingir o seu receptor, os efeitos de sentido. “Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdo a transmitir, [...] das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 39).

Rajagopalan (2003) analisa a cobertura da mídia norte-americana na Guerra do Golfo, revelando que o ato de nomear não é simplesmente semântico, e sim político. Ao nomear, ou apelidar, a mídia influencia a opinião pública sobre determinado fato, produzindo um sentido. O objeto deixa de ser único, exclusivo, ao ser nomeado, pois ele recebe um empréstimo de atributo. A ação de nomear é estritamente ideológica. O discurso jornalístico, em sua estrutura, é nomeador, visto que necessita contextualizar a reportagem ao seu leitor/ouvinte. Quem fala ou de quem se fala são dados essenciais ao noticiar. Porém, ao se fabricar ou emprestar novos termos de designação, o discurso jornalístico imprime seu ponto de vista. E, nesse processo, o leitor/ouvinte acaba por confundir opinião com fato. (RAJAGOPALAN, 2003).

Bakhtin (2009) afirma que não existe ideologia sem signo, portanto, é através do signo que a ideologia se materializa. O signo é um fenômeno do mundo exterior, criado por uma comunidade linguística em função das suas relações sociais; ele existe em sua realidade particular. Por ser a palavra o meio de comunicação por excelência, ela também é um fenômeno ideológico por excelência. A palavra não é neutra por não representar uma ideologia, e sim por poder representar várias. Essa característica faz com que ela possa absorver qualquer função ideológica. (BAKHTIN, 2009). Entende-se, portanto, que é através da palavra que a ideologia se materializa, por ela ser o

veículo de expressão da consciência. A neutralidade da palavra possibilita que ela seja o signo que expressa diferentes ideologias, o que não ocorre com os demais sistemas de signo. Além disso, é através do discurso que a ideologia se materializa. Por isso, não há discurso neutro, sem ideologia.

3 AS COBERTURAS ANALISADAS

3.1 Folha

A matéria, cujo título é *Garoa na parada*, dá ênfase para o fato da persistente chuva que ocorreu durante a edição do evento. Além disso, parece propor uma leitura de que o evento é inclusivo, o que se reflete nos poucos incidentes registrados. A matéria começa informando sobre a chuva, que não desanimou os participantes; então apresenta o tema desse ano, destacando a presença de um trio elétrico com participantes de diferentes igrejas, e já relatando a fala do arcebispo de São Paulo criticando a mensagem e o uso da imagem de santos católicos; após informa a presença de um grupo de 40 skinheads em apoio ao evento; e conclui com o relato dos poucos incidentes ocorridos.

O que nos interessa nessa análise está nos parágrafos 5 a 9, que é a apresentação do tema e da polêmica dos cartazes. É dado um espaço para a fala do arcebispo de São Paulo, que declara “O uso desrespeitoso da imagem dos santos populares é uma ofensa aos próprios santos e também aos sentimentos religiosos do povo” (TUROLLO JR. *et. al*, 2011). É uma frase impactante, que inclusive é reproduzida com destaque (com caixa maior e negrito) fora do texto. O arcebispo continua, ao criticar a frase usada nos cartazes (*Nem santo te protege, use camisinha*), rebatendo “Pois é verdade. O que pode salvar mesmo é uma vida sexual regrada e digna” (TUROLLO JR. *et. al*, 2011). Nessa segunda frase há uma crítica, não ao uso das imagens dos santos, e sim ao estilo de vida dos participantes da Parada, pois homossexuais não tem uma vida sexual regrada e digna. A matéria dá espaço para o Arcebispo, figura maior da igreja católica na cidade, diante do uso das imagens dos santos pela Parada, é normal. Porém, estranha a organização do evento não ter sido procurada para se posicionar diante da crítica feita à vida sexual de homossexuais. Lembrando que o uso de preservativos e métodos anticoncepcionais é um assunto de saúde pública, mas a matéria não se importa em aprofundar essa discussão. Fica apenas a polêmica pela polêmica.

3.2 Estadão

A matéria, cujo título é *Parada Gay usa santos e cria polêmica*, não apenas dá ênfase para a polêmica do uso das imagens de santos católicos em campanha pelo uso de preservativos, como ignora a chuva constante (outra característica marcante desta edição).

O texto da matéria é descritivo, informando o número de cartazes e nome de alguns dos santos. Uma fala do presidente da parada defende esse uso, pois as DSTs atingem aos fiéis de todas as religiões. Também é argumentado sobre a escolha do tema religioso como uma resposta à perseguição que alguns grupos religiosos promovem ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, inclusive com citação à Marcha para Jesus, ocorrida dias antes e que atacava a decisão do STF a favor das uniões homoafetivas. Após são apresentadas as opiniões de quatro participantes do evento, dois pastores de igrejas inclusivas (um homem e uma mulher), e duas transeuntes. Apenas a orientação sexual da pastora é declarada.

Abaixo da matéria, há uma nota com a declaração do arcebispo de São Paulo, classificando como infeliz, debochado e desrespeitoso o uso das imagens e ameaçando tomar medidas cabíveis. É dado um maior destaque para a fala do arcebispo, tendo em vista que a nota funciona como um direito de resposta. Porém, nessa fala dele, há apenas a crítica ao uso das imagens e ao tema escolhido, o que é normal e compreensível, tendo em vista que ele é o representante da igreja e que está se manifestando perante o ocorrido.

3.3 As Diferenças das Matérias

O que mais chama a atenção na leitura das duas matérias em comparativo é o destaque dado à polêmica religiosa. Enquanto a Folha se preocupa em relatar o evento como um todo, o Estadão se preocupa apenas com a polêmica. Lembrando que a chuva insistente é outro fato de destaque dessa edição, pois só havia ocorrido na sua 1ª edição. O fato de ser a 15ª edição parece ser relatado equilibradamente nas coberturas.

Embora o Estadão tenha destacado a polêmica religiosa, fica a impressão de ter realizado uma cobertura mais equilibrada ao apresentar a fala da organização do evento problematizando o uso de preservativos no combate à DSTs; logo, um assunto de saúde pública e não religioso. A matéria reflete sobre o tema, como uma resposta à campanha de difamação realizada por lideranças religiosas, com citação à Marcha para Jesus. Já a Folha não se preocupa com essas reflexões, apenas

relata a polêmica. Ao apresentar no texto dois parágrafos sobre o trio elétrico com religiosos de várias denominações e, em seguida, três com a crítica do arcebispo, parece que tenta fazer um contraponto entre favoráveis e contrários. No entanto, essa associação é superficial, pois não é informado que se trata de lideranças religiosas, apenas “[...] o evento teve um trio elétrico com católicos, evangélicos, anglicanos e umbandistas” (TUROLLO JR. *et. al*, 2011). Ora, será que os 4,5 milhões de participantes são ateus ou agnósticos? Se, de fato, trata-se de lideranças dessas denominações, a matéria deveria os nomear ou indicar seu cargo. Na forma como é apresentada a informação, parece que essa presença se perde diante do argumento de autoridade que o Arcebispo exerce ao declarar sua crítica.

O uso de uma nota como direito de resposta do representante da igreja pelo Estadão parece a estratégia mais correta. A íntegra da conversa entre o Arcebispo e o jornalista não está disponível, tendo em vista o formato jornalismo impresso, mas fica a impressão de que as citações do religioso parecem ter sido escolhidas com cuidado para evitar ataques. O que não ocorre na Folha, que apresenta as falas do Arcebispo no meio da matéria, inclusive reproduzindo uma fala como destaque na página. A declaração neste veículo é mais crítica e acaba por se contrapor a ideia de uma Parada tranquila que a matéria tenta passar. Não há nenhuma reflexão sobre o tema e o uso das imagens, ficando apenas a polêmica.

A análise do título da matéria do Estadão (*Parada Gay usa santos e cria polêmica*) é relevante. O uso dos verbos usar e criar chama a atenção. Consultando o dicionário Houaiss (2007), encontramos duas definições do verbete usar que chamam a atenção: “2 t.d. e t.i. Servir-se de visando a; 3 t.d. Auferir proveito ou vantagem de; servir-se, utilizar” (HOUAISS, 2007, p. 2815). Já o verbete criar: “3 t.d. Imaginar, inventar, produzir; 4 t.d. Inventar, elaborar” (HOUAISS, 2007, p. 868). É importante destacar que a utilização de imagens religiosas pela publicidade é comum. Por sermos um país de maioria católica, essas imagens tem um forte apelo diante dos consumidores. A estratégia é habitual em peças publicitárias, em capas de revistas ou mesmo em obras ficcionais. Porém, pelo apelo sexual ser homoerótico e não heteronormativo, a organização da Parada foi duramente criticada. E é então que ressoa o título. Mesmo que o texto da matéria não desqualifique o evento, esse título, com o intuito de chamar a atenção do leitor, acaba por qualificar a Parada como manipuladora.

4 CONCLUSÃO

Na cobertura do Estadão, embora o grande destaque dado à polêmica, trazendo a informação logo no seu título, houve a preocupação com sua contextualização, o que ajuda na reflexão do ocorrido. Ao se equilibrar as opiniões de participantes e ao se destacar uma nota como direito de resposta do representante da igreja, percebe-se uma preocupação com o tema. O Estadão é um jornal tradicional e conservador, logo seus leitores seguem por esse perfil. Acredita-se que a escolha por essa abordagem seja para atrair a sua leitura, mas sem haver um choque ou atrito. O perfil dos participantes escolhidos para entrevista corrobora essa interpretação, uma enfermeira e uma advogada aposentada; não é o perfil geralmente entrevistado (travestis e drags).

Na cobertura da Folha, não houve a preocupação em se destacar tal polêmica; o foco da cobertura foi mostrar um clima de celebração. No entanto, a citação aos cartazes se destoa desse tratamento, sem haver a preocupação com a fala do Arcebispo inserida no texto. Talvez o objetivo fosse minimizá-la, porém acaba ocorrendo o contrário. O perfil do leitor da Folha é de classe média, que, embora adote discursos conservadores, se declara liberal. Isso se reflete na cobertura, que evita a polêmica, mas, quando a aborda, abre espaço para falas condenatórias e preconceituosas.

Diante do exposto, conclui-se que, embora haja uma dissonância no destaque dado a polêmica religiosa, os jornais não conseguem escapar de seus perfis conservadores, seja na escolha vocabular do título (Estadão) ou das falas condenatórias do Arcebispo reproduzidas (Folha). Mesmo se autorrotulando como isenta e neutra, a mídia se vincula a uma ideologia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SAMPAIO, P. Parada Gay usa santos e cria polêmica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jun. 2011. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110627-42986-nac-27-cid-c1-not>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

TUROLLO JR., R.; BEDINELLI, T.; BERGAMIN JR., G.; IZUMI, C.; CASTRO, C. de. Garoa na Parada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jun. 2011. Disponível em: <<https://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/06/27/15//5713283>>. Acesso em: 13 dez. 2017.





ANEXO I

C1 | SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2011

O ESTADO DE S. PAULO

Violença

Dupla assalta casa de ministro da Defesa no Rio
Pág. C4

Discussões urbanas

Por que o rio mais importante de São Paulo continua sujo?
Pág. C6

Segurança

Parque do Ibirapuera terá câmeras em seus acessos
Pág. C5



Cidades

estadio.com.br

Parada Gay usa santos e cria polêmica

Ao completar 15 anos, evento reúne 4,5 milhões na Paulista e não foge de temas controversos, como religião e união homossexual

Paulo Sampaio

A 15.ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo reuniu ontem cerca de 4,5 milhões de pessoas, segundo os organizadores. E causou polêmica usando santos em uma campanha pelo uso de preservativos.

Em 170 cartazes distribuídos em postes por todo o trajeto, 12 modelos masculinos representando ícones como São Sebastião e São João Batista, aparecem seminus junto com as mensagens: "Nem Santo Te Protege" e "Use Camisinha". "Nossa intenção é mostrar à sociedade que todas as pessoas, seja qual for a religião delas, precisam entrar na luta pela prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Alô, não tem religião", diz o presidente da Parada, Ideraldo Beltrame.

Ao eleger como tema da par-

estadio.com.br

Online. Confira o vídeo da Parada Gay de São Paulo estadio.com.br/saopaulo

ada frase "Amai-vos Uns Aos Outros", a organização uniu vontade de conchamar seguidores com a de responder a grupos religiosos — que vêm atacando sistematicamente o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Na Marcha para Jesus, na quinta-feira, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em favor da união estável homossexual foi ferocemente atacada.

As opiniões de evangélicos dissidentes, que fundaram Igrejas inclusivas e agora acompanham a parada, nem sempre convergem. "Não tinha necessidade de usar pessoas pedradas para representar santos. Faz a campanha, mas não envolve as coisas de Deus", acha a pastora lésbica Andréa Gomes, de 36 anos, da Igreja Apostólica Nova Geração. "A campanha foi mais de encontro com os ditames da Igreja Católica. Nós não temos santos", diz o pastor José Alves, da Comunidade de Cristã Nova Esperança.

A enfermeira Gilda Mitre, de 38 anos, que assiste à parada, entende que a campanha é "ecumênica". "Aquilo é um recado para todas as igrejas", diz. Para alguns, a mensagem não ficou cla-



Campanha. Imagens foram usadas como apelo para que gays usem preservativos

ra. A advogada aposentada Renata Melrelles, de 73, que se define como "agnóstica", acha que a "parada deveria ser um movimento político, e não esse carnaval".

"Olha para aquilo", diz ela, apontando para um rapaz vestido de mulher gato, que se esgueira com as "garras" na direção dela. Os 12 modelos que posaram

para campanha animaram o trio elétrico 16. Suas imagens vão decorar também cabas dos 100 mil preservativos que a organização pretende distribuir neste ano.

'É um desrespeito, um deboche', afirma o cardeal dom Odilo

O cardeal d. Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo, classificou como "infeliz, debochada e desrespeitosa" a colocação de cartazes com imagens de santos católicos em postes da Aveni-

da Paulista, durante a Parada Gay. Para o arcebispo, o "uso instrumentalizado" das imagens por parte da organização do evento "ofende o sentimento da Igreja Católica".

"A associação das imagens de santos para essas manifestações da Parada Gay a meu ver foi infeliz e desrespeitosa. É uma forma debochada de usar imagens de santos, que para nós merecem todo respeito", disse d. Odilo. "Vamos refletir sobre medidas cabíveis para proteger nossos símbolos e convicções religiosas. Quem deseja ser respeitado tam-

bém tem de respeitar."

Para o cardeal, a organização da Parada Gay pregou os cartazes "provaesivamente" para atingir a Igreja Católica. "Porque a Igreja tem manifestado sua convicção sobre essa questão e a defende publicamente."

O cardeal também manifestou posição contrária ao slogan escolhido pela organização da

Parada, "Amai-vos uns aos outros" (parte do versículo do Evangelho de São João). "Jesus recomenda 'Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo'. O uso de somente parte dessa recomendação, fora de contexto, em uma Parada Gay, é novamente um uso incorreto, instrumentalização da palavra de Jesus." **VITOR MUDO BRANDALISE**

REAÇÕES

Gilda Mitre
Enfermeira

"A gente ouve muito mais evangélicos falando abertamente contra a união homossexual do que católicos. Então, esses santos representam Cristo também"

Rodrigo Lane
Ator

"Pelo menos, vamos ver se a Igreja acaba olhando para esses homens maravilhosos (dos cartazes)"

Beatriz Nogueira
Socióloga

"No mundo dos civilizados, a gente ainda está engatinhando. Infelizmente temos de criar política para defender o óbvio"

Valsa. Os trios elétricos iniciaram a parada às 18h30, com a prometida versão remixada de Damião Atal. A ideia de levar os participantes a dançar a valsa, em comemoração aos 15 anos do evento, foi frustrada pela superlotação da avenida. Em cima do trio de abertura, a senadora Maria Sulpicyvalsou com Ideraldo Beltrame, e o deputado federal Jean Wyllys com a cantora Preta Gil, madrinha da Parada.

Lei que criminaliza homofobia deve voltar à estaca zero
Pág. C3

ANEXO II

C4 cotidiano ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2011

FOLHA DE SAULO



Multidão carrega bandeira de arco-íris na avenida paulista



Cartazes de conscientização com imagens alusivas a santos

GAROA na parada

Mesmo com **chuva** persistente, **multidão** seguiu a 15ª Parada do Orgulho LGBT **animada** por trios elétricos; PM registrou poucos incidentes no percurso

DE SÃO PAULO

Os 15 anos da Parada do Orgulho LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) de São Paulo foram festejados sob chuva persistente, o que não acontecia desde 1997.

No entanto, a garoa não intimidou os participantes nem mesmo quando apertou. Enquanto uns cortiam para se proteger embaixo de marquises, muitos continuavam a dançar, indiferentes à água que botava à prova a chaginha (de alisar cabelos) e o babyless (de enrolá-los).

"Minha chaginha aguenta firme. Essa chuva é pouco", dizia a travesti Juliana Vidal, 22, uma das que dançavam animadamente na chuva.

Com tema voltado à religião ("Assá-vos uns aos outros: basta de homofobia"), o evento teve um trio elétrico com católicos, evangélicos, anglicanos e umbandistas.

"A maioria dos religiosos que está aqui não é homossexual. Está propondo um bino pela paz", disse a coordenadora do Centro de Referência da Diversidade, Irina Bisci. A utilização de imagens de modelos em alusão a figuras de santos católicos, no entanto, incomodou a igreja.

"O uso desrespeitoso da imagem dos santos populares é uma ofensa aos próprios santos e também aos sentimentos religiosos do povo", disse o arcebispo de São Paulo, Odilo Pedro Scherer.

Sobre a frase dos cartazes "Nem santo te protege luse camisinha", o arcebispo rebateu: "Pois é verdade. O que

podé salvar mesmo é uma vida sexual regrada e digna."

DEBUTANTE

Para Leandro Rodrigues, da organização, a quantidade de público, estimada em 4 milhões, foi até maior do que nos outros anos. A PM não fez estimativa de público.

Um grupo de cerca de 40 punks e skinheads, chamado Ação Antifacista, também participou da festa, que teve até valsa em comemoração aos 15 anos do evento.

No início do evento, eles chegaram a ser detidos pela polícia, mas foram liberados quando os policiais perceberam que a manifestação de-

“A chuva não atrapalhou, pelo contrário. As pessoas se mostraram mais conscientes por estarem aqui [com este tempo]

LEANDRO RODRIGUES
membro da organização

Não tem problema. [A chuva] é ótima pra bater cabelo [gíria LGBT para dançar]

CRIANA TAYLOR
caboteira

les era a favor da diversidade.

"O objetivo é desmistificar a ideia de que todo skinhead é homofóbico. A parada tem de servir de plataforma para reivindicações e não só para mostrar o orgulho de ser gay", disse Danilo Henrique, 29, skinhead e homossexual.

No início da festa, um adolescente de 16 anos foi apreendido sob suspeita de participar de um arrastão com quatro jovens. Eles teriam furtado óculos.

Até as 18h, a PM disse ter registrado três casos de apreensão de entorpecentes. À noite, o governo informou que "várias ocorrências de perda e de furto de objetos" foram registradas.

(CRISTINA MORENO DE CASTRO, CLÁUDIA IZUMI, GISELA BERGAMINI JR., REYNALDO TURBOLLO JR. e TALITA BEDIANELLI)

FOLHA.COM
Veja galeria de imagens da Parada Gay
folha.com/lg3400

“O uso desrespeitoso da imagem dos santos populares ofende os próprios santos e os sentimentos religiosos do povo

DOM ODILIO PEDRO SCHERER
arcebispo metropolitano de São Paulo